

U&F
13/5/98 39



O protesto de março: Reis é arrastado para fora da Funai pelos índios

um cargo de assessor da presidência e dá expediente em Nova Xavantina, no interior de Mato Grosso.

O protesto rendeu outros frutos. A primeira autorização para a compra dos carros dos xavantes saiu para a reserva Parabubure, cujo cacique, Celestino Xavante, foi um dos comandantes da manifestação realizada. Ele visitou todas as concessionárias de Brasília à procura de um carro e terminou escolhendo uma caminhonete D-20 com cabine dupla, ar-condicionado, bancos de couro e aparelho de CD.

JUCA WARELLA/FOLHA IMAGEM

Brasil Índios

Factóide na aldeia

Presidente da Funai é acusado de ter armado manifestações em colaboração com os xavantes

O promotor Sullivan Silvestre Oliveira, presidente da Fundação Nacional do Índio, Funai, descobriu uma maneira eficiente de manter-se no cargo e afastar os funcionários que discordam de sua administração. Há oito meses no posto, Oliveira fez uma aliança com os índios xavantes, etnia que possui 8 000 membros e ficou famosa pela mania de produzir invasões e ameaçar funcionários da entidade. Dados a atos espetaculares, os xavantes são uma espécie de PFL indígena — falam alto com o governo, estão sempre no poder e são acusados por outras tribos de favorecimento na distribuição de recursos. O acordo, do qual os índios de outras etnias desconfiavam há tempo, veio à tona na semana passada por causa de denúncias dos funcionários da Funai. Eles apontam como indício da parceria uma manifestação organizada em março, quando os xavantes invadiram a sede da entidade, constrangeram e agrediram dois funcionários. O chefe Arnaldo Xavante, um dos líderes do protesto, admitiu que tudo foi negociado diretamente com Oliveira. “A única coisa que o

presidente pediu foi que não houvesse violência”, explica.

Os índios decidiram a invasão de março por iniciativa própria, mas, antes de ir às vias de fato, negociaram o apoio do presidente da Funai. Eles tinham dois alvos, ambos adversários de Oliveira: um era o economista Otacílio Reis, diretor de assistência; outro, a antropóloga Ana Costa, diretora de saúde. Os dois foram arrastados pelos corredores, expulsos do prédio e xingados de “traidores” por defender o uso de critérios técnicos na aplicação das verbas da entidade. Os xavantes, que reivindicavam a compra de 100 automóveis para suas reservas, estavam enfurecidos com Reis, que havia vetado seu pedido. Depois do protesto, ele cedeu liberando a compra de vinte carros para a tribo. Ana Costa, que era contra a doação de objetos e dinheiro aos índios, foi demitida. Quem se deu bem foi o índio Arnaldo Xavante. Ele ganhou

No início do mês, os xavantes conseguiram 130 000 reais para a compra de material esportivo, além de mais de uma centena de pares de tênis. Os calçados, segundo reivindicação dos índios, tinham de ser da marca Nike. “Não tenho dúvida de que a administração articulou a invasão”, acusa Reis. “Os ônibus que transportaram os índios foram pagos pela Funai, e havia até marmitas prontas para eles”, diz a ex-diretora de saúde, Ana Costa. Oliveira nega as acusações, mas admite que conversou com o índio Arnaldo Xavante por telefone antes da agressão aos diretores. Segundo ele, a questão é política. “Eu encontrei o órgão assim e estou tentando acabar com essas distorções. Sou contra o assistencialismo”, garante.

Mas a tribo dos xavantes, que adora o assistencialismo, está até organizando uma manifestação em Brasília para pedir ao novo ministro da Justiça, Renan Calheiros, que deixe Oliveira no cargo.

“A troca de favores entre a Funai e os xavantes está deturpando a cultura daquela tribo. Hoje, os novos caciques não são os mais fortes e corajosos. São os que conseguem trazer dinheiro de Brasília”, acusa o índio Marcos Terena, coordenador de Direitos Indígenas da Funai. ■



ROBERTO CASTROVAE

Oliveira: invasão

Pollicarpo Jr.